

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1984

DOI: [https:// dx.doi.org/10.14195/1647-8657_23_13](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_23_13)

ISSN: 0084-9189

JOSÉ GUILLEN, *URBS ROMA — Vida y costumbres de los Romanos. III — Religión y ejército*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1980. 628 pág., 8 estampas.

Terceiro volume duma obra que pretende traçar sintética panorâmica do que foram a vida e os costumes dos Romanos, este trabalho do Prof. José

Conimbriga, 23 (1984), ~~207-227~~ 209-211

Guillén impõe-se pela cuidada descrição de tudo quanto à religião e ao exército diz respeito. Situa-la-íamos na linha da história institucional alemã, de que é paradigma a colecção «Manuel des Antiquités Romaines», nomeadamente os volumes devidos a Marquardt, «Le culte chez les Romains» (Paris, 1890) e «De l'organisation militaire chez les Romains» (Paris, 1891).

A sua fonte primordial são os textos clássicos, mas J. Guillén compulsou também bibliografia especializada actual que os esclarece e complementa, não se poupando a citações, feitas em inúmeras notas de rodapé, para apoiar as suas afirmações. Talvez aqui e além lhe pudéssemos apontar uma que outra falha: gostaríamos, por exemplo, de ver a bibliografia reunida no final ou no começo do volume, para nos darmos conta mais claramente do que foi consultado, embora o índice de autores modernos supra de certo modo essa lacuna. Assim, só para darmos um exemplo, cremos que seria de citar a investigação de R. E. Smith, *Service in post-Marian Roman army* (Manchester, 1958) importante para a compreensão das medidas adoptadas por Augusto, bem como os trabalhos de Ramsay Macmullen acerca da actuação do exército face ao mundo civil (*Soldier and civilian in the later Roman Empire*, Cambridge 1963, *Roman Imperial Ruinding in the Provinces*, «Harvard St. Class. Phil.» LXIV 1959 p. 207-235). Mas decerto isso afastaria J. Guillén do que se propusera: apresentar a religião e o exército do ponto de vista institucional, utilizando predominantemente a descrição dessas realidades em sucessivos momentos. Exemplifiquemos esta nossa observação:

— É focada a medida tomada por Galieno (e não por Caracala, como por lapso se escreve na pág. 508) de substituir os comandos militares senatoriais por profissionais oriundos da carreira equestre (p. 521); esse édito de 261 representa, quanto a nós, o termo duma evolução que se faz sentir durante todo o séc. III e a que Septímio Severo dera forte impulso abrindo aos militares de carreira um maior leque de opções administrativas e pondo já à frente das legiões Párticas, por si criadas, comandantes da classe equestre, à maneira do exército do Egipto. Essa perspectiva, parece-nos, não é abordada.

— Também no âmbito da religião, J. Guillén prefere quedar-se pelos aspectos oficiais, clássicos, mitológicos da religião romana, tal como ela nos é transmitida pelas fontes literárias. Não se fala expressamente daquela «outra» religião das zonas periféricas do Império, transmitida por milhares de inscrições votivas, documentando inclusive todo um pujante fenómeno de *interpretatio*. E mesmo no capítulo da relação entre a política e a religião, o culto imperial poderia ter merecido mais relevo do que as cinco páginas (p. 384-388) que lhe são particularmente dedicadas.

Por conseguinte, para o leitor peninsular, este trabalho de J. Guillén interessará como síntese bem lograda das instituições religiosas e militares romanas.

Depois de, no prefácio, ter chamado a atenção para o importante papel desempenhado pela religião e pelo exército na vida dos Romanos—«causas da grandeza e do sustentáculo do poder da *Urbs Roma*» (p. 11) — o Autor

caracteriza a religião romana como impregnada de conservadorismo, de arcaísmo até, avessa a mitos que não radiquem na realidade. Aqui assume particular relevo a investigação de mitologia comparada levada a cabo por Georges Dumézil, a que J. Guillén amiúde se refere. O culto privado, súplicas e sacrifícios, o culto público às tríadas pré-capitolina e capitolina, as características das outras divindades, os diferentes colégios sacerdotais, os deuses «importados» quer da Península Itálica quer da zona oriental do Império — são os temas abordados a seguir. O derradeiro capítulo, o IX (p. 381-406), dá uma sucinta panorâmica de aspectos religiosos durante o Império: a restauração religiosa empreendida por Augusto, o culto imperial, a introdução das religiões orientais (egípcias, sírias, o Cristianismo).

O tema *Exército* distribui-se por três primeiros capítulos de índole cronológica (Monarquia, República, Império) completados por outros três versando os comandos, as «forças complementares» (marinha, intendência e sanidade), meios e tácticas. J. Guillén interessa-se de modo particular pelos aspectos de organização militar, não dando relevo, por exemplo, a aspectos da engenharia ou da proveniência étnica e social dos soldados.

Um bem elaborado índice analítico (p. 605-621) acaba por transformar este volume num bom elemento de consulta para quem deseje aprofundar noutras perspectivas a informação explanada. Índice que é judiciosamente acompanhado por um outro de nomes próprios (deuses, pessoas e lugares antigos, autores modernos). As estampas, que fecham o volume, incluem gravuras e fotografias ilustrando alguns dos aspectos focados.